

SEXUALIDADE, GÊNERO E MÍDIA: PROJETO DE EDUCAÇÃO SEXUAL COM ESTUDANTES DE COMUNICAÇÃO E PSICOLOGIA¹

[2013]

Marcela Pastana.

Psicóloga. Mestranda em Educação Escolar.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNESP- Araraquara
E-mail do/a autor(a): marcelapas@gmail.com

Ana Cláudia Bortolozzi Maia.

Psicóloga. Doutora em Educação. Docente do Departamento de Psicologia.
Líder do Grupo Sexualidade, Educação e Cultura- GEPESec.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNESP- Araraquara; Bauru
E-mail do/a autor(a): aclaudia@fc.unesp.br

RESUMO

O Projeto “Grupo de Discussões sobre Sexualidade, Gênero e Mídia” foi baseado na importância de dialogar sobre como os temas Sexualidade e gênero são representados nos meios de comunicação. Os participantes foram dez estudantes universitários dos cursos de Psicologia e Comunicação (Jornalismo, Rádio e Televisão, Relações Públicas e Design). O objetivo foi propiciar um espaço de diálogo entre as áreas de Psicologia e Comunicação, com discussões sobre pesquisas acadêmicas e materiais midiáticos, com discussões e reflexões que contribuíssem para a formação dos estudantes destas áreas. Foram 17 encontros semanais, com a duração de uma hora e meia, realizados em uma sala de uma Clínica de Psicologia universitária. As principais discussões versaram sobre como a mídia produz e reproduz padrões normativos, estereótipos, preconceitos e uma compreensão repressiva da sexualidade e do gênero, pensando juntos sobre formas possíveis de abordar o tema considerando a pluralidade, a diversidade e a multiplicidade da sexualidade humana. Buscou-se também refletir sobre o processo de construção dos produtos midiáticos e a importância dos profissionais que trabalham com o tema refletirem a respeito da própria história de educação sexual, a trajetória pessoal e profissional e o quanto as próprias experiências, concepções, valores e também preconceitos interferem e estão presentes na construção de materiais voltados para a sexualidade e o gênero.

Palavras-Chave: Sexualidade, gênero, mídia, educação sexual.

¹ Este artigo é decorrente de um projeto de intervenção realizado pela primeira autora, sob a orientação da segunda e foi apresentado em comunicação oral no II CONGRESSO INTERNACIONAL DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL- realizado em novembro de 2012, na Unesp, Araraquara.

1 Introdução

O conceito de sexualidade é um conceito amplo e abrangente, que se refere às manifestações de sentimentos, desejos, atitudes e percepções relacionados à vida sexual e afetiva, à comunicação e ao vínculo entre as pessoas. A compreensão da sexualidade e a forma como as experiências são vividas são construídas num processo contínuo por toda a vida da pessoa, por meio de um aprendizado constante permeado por concepções sociais, culturais e históricas. Para entendermos como se dá o aprendizado sobre sexualidade, a educação sexual, a presença de aspectos repressivos e a internalização de padrões do que é considerado esperado e desejável, é importante considerar diversas instâncias como a família, a escola, o meio social, as religiões, os meios de comunicação etc. (Chauí, 1984; Maia, 2010).

O conceito de gênero refere-se às construções sociais e históricas sobre o que é considerado como masculino e feminino em cada cultura. Muitas vezes os padrões do que é considerado como adequado e desejável para cada gênero são naturalizados e essencializados, principalmente a partir da justificativa das diferenças anatômicas, biológicas, de forma que características, atributos, funções, comportamentos e sentimentos são considerados como inerentes, reforçando diferenças, desigualdades e hierarquias. A importância de refletir sobre o conceito de gênero refere-se à maior compreensão de como se dá essa construção cultural, desconstruindo a naturalização e a normatização que são bastante repressivas. É importante também tornar visível os mecanismos e estratégias de poder que instituem, reiteram e legitimam esses padrões, considerando a multiplicidade, a pluralidade e a diversidade das formas de viver o gênero possíveis (Louro, 1996; Meyer, 2009).

Com a grande presença dos meios de comunicação na vida das pessoas e com a alta frequência com que estes abordam o tema da sexualidade, não é possível pensar sobre esta, sobre a educação sexual, a repressão sexual, a forma como os relacionamentos, o corpo e as relações de gênero são representadas sem considerarmos a mídia. Enquanto ainda são frequentes as discussões sobre o silenciamento, a omissão, a dificuldade das famílias, da escola e da sociedade em geral em abordar o tema, ele é explorado das mais diversas formas pela televisão, a publicidade, os jornais, as revistas, os sites da internet, as músicas etc. É difícil identificar e reconhecer o que em nosso desenvolvimento foi aprendido através desses meios e diferenciar, separar do que foi aprendido em outros contextos nas nossas relações. Assim, seja para questionar os modelos e padrões propostos por esses veículos, a presença de estereótipos,

preconceitos e distorções; seja para enfatizar a responsabilidade deles em transmitir informações importantes e promover a conscientização; seja para criticar os conteúdos inadequados ou debater sobre as transformações que esses meios trazem para as relações e para a compreensão da sexualidade, as discussões sobre a mídia são muitas, diversas, frequentes e necessárias (Darde, 2009; Fischer, 2008; Maia & Maia, 2005; Meyer, 2009).

No livro “A Mídia como Consultório”, organizado por Vivarta (2003) é apresentada a análise de 59 colunas de consulta (seções de perguntas e respostas destinadas ao esclarecimento de dúvidas) de 22 veículos diferentes publicadas entre 2001 e 2002, e foi realizada a discussão sobre diversos problemas identificados, cujos principais foram: respostas inadequadas e preconceituosas; falta de domínio e embasamento sobre os temas focados; silenciamento sobre questões como gênero, orientação sexual e violência. Foi discutida a questão sobre se as respostas são elaboradas de forma refletida e apurada, ou se são apenas baseadas no senso comum e nas opiniões pessoais dos que escrevem.

Rocha (2007) discute como os discursos midiáticos foram historicamente estruturados de modo a apagar as marcas de quem narra e de quem produz, como se emergissem diretamente dos fatos e não pelas mãos de quem cria. Esta compreensão compromete o processo relacional entre autores e leitores, sujeitos que produzem, ambos, sentidos. Em meio às pressões do exercício da profissão, com as exigências de produtividade, a rotina, os prazos, a orientação ideológica dos veículos para quem se trabalha, há pouco espaço para a reflexão sobre a experiência de quem produz. Embora história de quem cria seja muitas vezes invisibilizada, é a partir da trajetória pessoal e profissional de cada um envolvido na produção, que é modulado o que é realizado é transmitido.

Algumas questões nortearam a elaboração deste projeto: como a discussão sobre as representações da sexualidade na mídia se faz presente na formação dos profissionais da área de comunicação e de psicologia? Como esses profissionais percebem e que opiniões têm sobre o modo como são abordados pela mídia os temas da sexualidade e de gênero? O que valorizam como importante e necessário ao tratarem do assunto? Que preparo eles recebem, como buscam informações, que fontes conhecem, que dificuldades encontram? De que forma acreditam que a trajetória pessoal, a própria história da educação sexual que receberam influencia e constrói a maneira de lidar com o assunto?

Diante dessas questões, propôs-se com o projeto atingir os seguintes objetivos:

- ⇒ Promover um espaço de discussão onde os conhecimentos da área de Comunicação e Psicologia pudessem ser compartilhados visando o diálogo e a reflexão crítica sobre como os temas sexualidade e gênero têm sido abordados nos meios de comunicação;

- ⇒ Contribuir para o processo de formação dos estudantes nas áreas de comunicação e psicologia apresentando conhecimentos provindos de estudos sobre sexualidade e gênero, buscando uma compreensão mais abrangente, reflexiva e crítica;
- ⇒ Identificar conjuntamente através da discussão e da análise de diversos materiais como revistas, jornais, programas de TV e de rádio, filmes, propagandas, sites da internet etc. como os meios de comunicação produzem e reproduzem padrões normativos, estereótipos, preconceitos e uma visão repressiva da sexualidade e dos papéis de gênero para, a partir disso, pensar formas possíveis de representar a sexualidade considerando a pluralidade de manifestações e a importância da diversidade;
- ⇒ Ressaltar a importância de preparo e ética para abordar as questões referentes a sexualidade e gênero, buscando desconstruir visões essencializantes e universalizantes, considerando a importância de pensar nos fatores culturais e históricos que constroem as representações sobre os temas e a importância de abordá-los em sua multiplicidade;
- ⇒ Refletir sobre o processo de construção dos produtos midiáticos e sobre a importância dos profissionais que trabalham com o tema de buscar refletir sobre a própria história de educação sexual, sobre a trajetória pessoal e profissional e sobre o quanto as próprias experiências, concepções, valores e também preconceitos interferem e estão presentes na construção de materiais sobre sexualidade e gênero;
- ⇒ Apresentar e discutir sobre conceitos da área de estudos em sexualidade como sexualidade, gênero, educação sexual, repressão sexual, heteronormatividade etc. buscando uma compreensão mais ampla e abrangente da sexualidade e dos fatores históricos, culturais e sociais;
- ⇒ Construir um espaço em que ambas as áreas conheçam mais a respeito uma da outra, compartilhem conhecimentos e tenham espaço para colocar críticas e questionamentos, promovendo um diálogo contínuo que ressalte a possibilidade de contribuições mútuas.

Neste projeto de intervenção participaram dez estudantes universitários, de ambos os sexos, dos cursos de Psicologia e Comunicação (Jornalismo, Rádio e Televisão, Relações Públicas e Design). Para a formação do grupo houve a aplicação de questionários com as turmas dos cursos de comunicação sobre as concepções de sexualidade e o que eles consideravam importante discutir sobre o tema.

Foram realizados 17 encontros semanais, com a duração de 1 hora e meia, no segundo semestre de 2011, em uma sala ampla nas dependências do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Unesp, Campus de Bauru. A proposta de realização deste projeto se baseou na importância da discussão sobre a representação da sexualidade e do gênero nos meios de comunicação. Para isso, buscou-se criar um espaço para o diálogo entre as áreas de psicologia e comunicação, com discussões sobre materiais midiáticos e pesquisas realizadas na área de sexualidade e gênero, para que conhecimentos pudessem ser compartilhados de forma a promover uma maior reflexão e contribuições para a formação de ambas as áreas.

2 Descrição dos Resultados obtidos

Desde os primeiros encontros, quando os participantes se apresentaram e relataram as motivações acadêmicas e pessoais por terem se interessado pelo projeto, foi possível identificar o quanto a diversidade de cursos e de temas de interesse foi importante para permitir que a dinâmica do grupo se enriquecesse a partir da multiplicidade de olhares, de formas de perceber e conhecer, o que propiciou contribuições mútuas e a possibilidade de que cada encontro trouxesse novas, diferentes e mesmo surpreendentes formas de se pensar os temas.

Foi prioridade na condução do grupo permitir, propiciar e estimular que os participantes se expressassem livremente, a partir de opiniões, questionamentos, relatos de leituras e de reflexões, de pesquisas e projetos, associações dos temas abordados com os cursos e as possíveis áreas de atuação, e também depoimentos pessoais, recordações, elementos da própria trajetória, da própria história de educação sexual, limitações e preconceitos sofridos, as próprias inquietações e descobertas e, sobretudo, sobre o desafio de se pensar criticamente e buscar desconstruir padrões que muitas vezes se encontram tão internalizados, que permearam tanto a construção da própria subjetividade, da compreensão e da forma de viver a sexualidade.

Os encontros em que foram analisados materiais midiáticos como vídeos, notícias, campanhas, anúncios publicitários etc. foram importantes também para que pensássemos criticamente não só a mídia, mas a nossa relação com a mídia, como, muitas vezes, diante do rápido e intenso fluxo de informações que existe atualmente, acabamos estabelecendo uma relação superficial e pouco refletida com o que lemos, ouvimos e assistimos. No grupo houve o constante exercício de buscarmos materiais e pesquisarmos com mais cuidado e atenção cada tema de forma a compartilhá-lo e transmiti-lo, possibilitando uma maior compreensão.

Foi criado um grupo virtual através da rede de relacionamentos “*facebook*”, onde são postadas matérias, vídeos, campanhas, links para o download de filmes, artigos, teses, dissertações e livros, endereços para sites e blogs sobre a temática etc. O espaço virtual foi um

espaço de troca muito rico que propiciou a continuidade das discussões durante a semana, além de estímulo e fontes para propostas de discussões nos encontros. Os participantes compartilhavam materiais, comentavam e discutiam os materiais postados, mantendo um contato e um espaço de comunicação para além dos encontros. Para o planejamento dos encontros foi mantida uma postura aberta e flexível, os temas a serem abordados foram definidos no decorrer das reuniões de acordo com os interesses dos participantes. Ao final de cada encontro era preenchida uma ficha de avaliação sobre as discussões que foram realizadas e sobre que temas os participantes gostariam que fossem discutidos, e os materiais publicados por eles no grupo virtual também foram aproveitados como base para a elaboração das questões a serem discutidas nos encontros seguintes.

Os principais temas abordados foram:

- O papel dos profissionais de Comunicação e Psicologia na abordagem dos temas sexualidade e gênero na mídia.
- Diferentes Formas de Abordagem do Tema Sexualidade na Mídia: aspectos positivos e negativos.
- Discussões sobre Liberdade e Repressão Sexual a partir das Representações Midiáticas
- Diferentes Formas de Abordagem da Diversidade sexual na Mídia
- Diversidade Sexual e Religião
- Diversidade Sexual e Políticas Públicas: Discussões sobre o desenvolvimento e a repercussão do Kit Anti-Homofobia
- Transexualidade: Apresentação sobre a produção de um vídeo educativo sobre o tema.
- Representações Normativas de Gênero na Mídia e Possibilidades de Desconstrução
- Representações Normativas de Relacionamentos na Mídia e Possibilidades de Desconstrução
- Discussão sobre Elaboração e Desenvolvimento de Projetos sobre Sexualidade, Gênero e Mídia

3 Discussões sobre as atividades realizadas a partir da fala dos participantes

Como forma de concluir e avaliar as atividades realizadas, na última semana do projeto foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas com cada um dos participantes, buscando identificar como foi para cada um deles participar do grupo. Nas questões foi abordado o que os motivou a participarem do grupo; o interesse pelo tema sexualidade, gênero e mídia; de que forma o grupo influenciou e contribuiu na compreensão sobre o assunto; quais foram as

contribuições no âmbito pessoal e também na formação acadêmica e profissional; opinião sobre como os encontros foram conduzidos, sobre as atividades realizadas e a dinâmica entre os participantes; exemplos de temas, encontros ou momentos que foram mais marcantes etc. A seguir alguns aspectos do projeto serão descritos e ilustrados pelas falas dos participantes.

3.1 A Importância da Auto-reflexão

A auto-reflexão é fundamental para aqueles que trabalham com o tema da sexualidade. A oportunidade de refletir, de repensar a própria história de vida e em especial a própria história de educação sexual, é um exercício importante e necessário (Kawata, Nakaia, Figueiró; 2010; Louro, 1996; Maia; 2010).

Maia e Maia (2005) discutem como a repressão sexual nem sempre ocorre de modo visível e claro. É necessário compreender como a repressão atua para que, em nossas práticas, tenhamos a condição de não repetir e reforçar os conflitos, resistências e preconceitos que fizeram parte de nossa educação sexual. Para todos os que trabalham com sexualidade é necessária a reflexão sobre de que forma reproduzimos e reiteramos regras repressivas, preconceitos, e estereótipos, muitas vezes tomados como naturais.

Ao discutirem sobre a importância do processo contínuo de auto-reflexão, Kawata, Nakaia e Figueiró (2010) discorrem sobre a importância de serem considerados e repensados os tabus, os medos e preconceitos que carregamos. Em nossa cultura, a educação sexual muitas vezes transmite valores e sentimentos negativos com relação à sexualidade, como a culpa, a ansiedade, o medo, que ficam impregnados na constituição de nossa subjetividade. Muitas vezes as informações que recebemos são distorcidas, sendo necessário o esforço através de reflexões, discussões e leituras para desfazer essa associação, frente à “deseducação sexual” a que estamos continuamente submetidos.

Durante os encontros discutimos bastante a questão da Educação Sexual. Os participantes relataram experiências vividas na escola e na família, principalmente com relação à ausência de discussões e o silenciamento sobre o assunto. Houve também a discussão sobre a forma como produtos midiáticos como filmes, programas de televisão, revistas, músicas, jogos, foram fontes de informações e também de referências e modelos sobre sexualidade no decorrer do desenvolvimento, na infância e na adolescência, como muitos dos padrões foram internalizados e reforçados através destes meios.

Através de uma trajetória auto-reflexiva, não apenas aprendemos, mas reaprendemos, ressignificamos a forma como víamos e vivenciávamos nossas questões. A relação deste

exercício de desconstrução com a oportunidade de repensar a própria história de Educação Sexual pode ser exemplificada pela fala dos participantes:

No grupo nós fomos além da normatividade, questionar, desconstruir, falamos muito da importância da desconstrução, e também sobre refletir criticamente nossos padrões, o que tem em nós que é normativo, nos nossos relacionamentos, o que internalizamos, como foi nossa educação, na escola, na família, na religião, cada um trazia uma experiência, da infância, da família, dos relacionamentos... (P8)

As experiências pessoais foram uma das coisas mais importantes, falar do que você experienciou, viveu, os depoimentos pessoais, longe de serem digressões, foi falar do tema na pele. (P6)

As discussões no grupo foram enriquecidas pelos relatos sobre a própria história trazidos pelos participantes, como na reflexão frequente nos encontros sobre a força e o peso dos padrões normativos, em que, por exemplo, o(a)s participantes homossexuais trouxeram depoimentos sobre as dificuldades encontradas na família, na trajetória da educação escolar, no círculo de amigos e outros contextos sociais. Foi bastante discutido, por exemplo, os conflitos vividos com o reconhecimento da homossexualidade no contexto de uma educação religiosa. É possível destacar também como nos encontros sobre gênero, as participantes mulheres destacaram principalmente as pressões familiares e sociais que associam felicidade ao relacionamento amoroso, ao casamento, a ter filhos, e também os fortes imperativos de beleza, a associação entre feminilidade e vaidade, ao cuidado com o corpo e a aparência. No grupo foi possível discutir como ainda que esses padrões sejam questionados e pensados criticamente, é importante reconhecer como o processo contínuo e intenso de internalização desses padrões torna a desconstrução ainda mais desafiante (e necessária).

3.2. Contribuições Acadêmicas e Profissionais

Os participantes deste projeto são alunos dos cursos de Jornalismo, Rádio e Televisão, Relações Públicas, Desenho Industrial e Psicologia. A partir da especificidade de cada área foi possível dialogar sobre o papel de cada profissional na busca por uma abordagem mais ampla, abrangente e positiva da sexualidade nos meios de comunicação.

Os participantes que fizeram parte do grupo já haviam tido algum contato prévio com a área de sexualidade e gênero, seja pela participação em grupos de estudo, ou pela realização de projetos de pesquisa e extensão e também por trabalhos desenvolvidos em disciplinas. O fato dos

participantes possuírem o interesse comum pelo tema, a partir de posições, áreas de estudo e de interesse diversas foi importante, como foi ressaltado em algumas falas em o grupo foi descrito:

O grupo é composto por pessoas bastante interessadas, com um conhecimento prévio muito legal do assunto, com um conhecimento muito válido do assunto (P1)

É uma troca de informações, troca de experiências, eu estudo homossexualidade e seriado, as outras pessoas estudam outras coisas, a gente troca muitas informações, a gente cresce no nosso repertório acadêmico com isso e é totalmente válido assim, muito importante. (P2)

Alguns dos participantes se interessaram pelo grupo por já realizarem projetos e/ou pesquisas na área de sexualidade. Outros afirmaram que a partir das discussões do grupo, tiveram ideias de pesquisas e realizaram projetos nas disciplinas dos cursos, além de motivar novos estudos e leituras, o que despertou também a vontade de dar continuidade e expansão aos estudos na área.

Olha tinha muita coisa que eu nem sabia que existia (...) o grupo me fez perceber isso, e me fez pesquisar mais, eu acho que foi uma coisa muito positiva porque tirei muitas dúvidas, a questão de gênero não era muito clara pra mim, nunca tinha discutido isso com alguém, agora ficou mais claro, a gente pôde até desenvolver na faculdade, eu fiz um projeto numa disciplina com relação a isso, com o tema de sexualidade e mídia, e eu estou aberta, eu quero mais, muito mais, não quero só parar por aí. (P4)

Não só a crítica ajudou muito, também as coisas que eu procurei ler, as teorias, agora as coisas que eu leio eu já leio com muito mais facilidade, mais proximidade. (P6)

Os participantes alunos de cursos de comunicação ressaltaram que na grade curricular de seu curso de formação, são abordadas questões mais gerais relativas aos diversos veículos midiáticos, as formas de transmitir a informação e técnicas a serem utilizadas, sem haver muito espaço para o aprofundamento e a discussão mais abrangente de temas específicos, como a sexualidade. No grupo os participantes puderam ter contato com conceitos e discussões teóricas que não fazem parte da formação, como gênero, heteronormatividade, diversidade de identidades sexuais, repressão sexual etc.

Os participantes dos cursos de comunicação ressaltaram principalmente a dificuldade em se trabalhar buscando transformações em contextos onde o que é pedido a eles é justamente

explicações simplificadas, reducionistas, fórmulas, receitas, conteúdos de acordo com o mercado, “que vendam”, de forma que se torna bastante limitado e restrito o espaço para o questionamento e a desconstrução, já que o que é exigido deles é que produzam de modo coerente com a posição dos veículos, que muitas vezes requerem posturas conservadoras, normatizadoras e não críticas.

A seguir fala dos participantes de comunicação sobre as contribuições para as futuras atuações profissionais:

Aprendi muito como é a vida das pessoas que estão fora dos limites que a cultura impõe, aprendi muito com relação a mídia como ela é inadequada e como é difícil lidar com esse tema, a gente vê muitas iniciativas, até mesmo positivas, que acabam sendo falhas por desconsiderar uma infinidade de detalhes, porque são coisas que estão tão arraigadas em nossa cultura que é muito difícil lidar, as vezes as pessoas subestimam essa dificuldade, é importante participar do grupo para aprender possibilidades de como abordar esse tema. (P1)

Acabou me acrescentando bastante, porque eu nunca pensava por esse lado, o olhar da sociedade, eu acabei aprendendo bastante coisa que eu não sabia, que eu não fazia idéia que existia (...) foi bem interessante nesse lado de agregar conhecimento, às vezes a gente não tem muitas fontes, e aqui a gente pode aprender bastante mesmo.(P3)

Faço Design, e todo designer tem por função trabalhar com o público, entender a cultura, e a sexualidade é uma coisa muito forte culturalmente falando, um tabu muito forte. (...) Pra você construir alguma coisa você tem que entender a cultura em que você está imerso, eu acredito que a sexualidade é uma parte fundamental das relações. (P5)

Para os participantes do curso de psicologia foi importante a reflexão e o questionamento sobre o papel do psicólogo nos meios de comunicação e o quanto, muitas vezes, ao serem consultados como fontes, são os próprios psicólogos que acabam por atender e reforçar a procura por explicações reducionistas, naturalizantes e essencializantes, na apresentação de “dicas”, “fórmulas”, “receitas”, “manuais”, que muito contrastam com a importância da postura dos psicólogos de promover uma compreensão mais ampla da singularidade de cada contexto, da multiplicidade de formas de viver a sexualidade, e da possibilidade de se refletir, se questionar, se pensar criticamente a realidade e suas contradições (Kehl, 2002). A seguir fala dos participantes sobre as reflexões geradas pelo grupo sobre o papel da Psicologia:

Acho que há uma lacuna muito grande entre o que é produzido e o que chega na população, então promover esse diálogo é muito importante, não é só falar de sexo, falar de camisinha, mas

questionar os padrões, os padrões são muito naturalizados. Ver que pode ser diferente, pode ser compreendido de forma diferente, existem alternativas, existe diversidade, as coisas podem ser diferentes. Muito importante transformar a realidade nesse sentido. (P6)

Eu acho que a partir do grupo eu desenvolvi habilidades enquanto psicólogo para trabalhar com construção de consciência, discussão, explicitar as contradições dos padrões nas relações. E também saber discutir, com jornalista, designer, relações públicas, profissionais da comunicação. Foi importante aprender a dialogar com outras áreas, aprender a transmitir o que estudamos. (P8)

3.3 Vínculo Entre os Participantes

Um dos pontos mais fortes do grupo foi o vínculo formado entre os participantes, como eles demonstravam estar à vontade, atentos e interessados ao ouvirem uns aos outros, abertos para as diferentes visões, para transformarem e ressignificarem a compreensão dos temas trabalhados, cada um trazendo contribuições de suas áreas de interesse, estudo e pesquisa, levando materiais e exemplos para os encontros e/ou postando-os nos grupo virtual. A questão da dinâmica positiva entre os participantes também foi ressaltada nas entrevistas:

Muito bacana. É um espaço muito interessante pra debate. Eram muitas reuniões, faltava tempo, o mais legal é isso, faltava tempo para discutir. É muito difícil as pessoas quererem discutir qualquer coisa, quando falta tempo, é sinal que as pessoas estão gostando, isso é muito bom. Esse é um fator extremamente positivo do grupo, sabe? Qualquer incentivo a discussão, as pessoas gostando de discutir, com muito respeito, mesmo com algumas discordâncias, é muito legal, muito positivo, de todos os pontos um que eu ressaltaria mais é um espaço amplo pra discussão, uma discussão agradável e saudável. (P1)

Cada encontro foi uma surpresa, eram trazidos novos e ricos elementos por cada um dos participantes, no decorrer das discussões as atividades planejadas tinham como objetivo propiciar e estimular o debate, o questionamento, a reflexão crítica e a participação de todos, o que foi considerado como positivo pelos participantes.

4 Considerações Finais

A realização do grupo foi uma experiência bastante rica para discutirmos como são as representações midiáticas de sexualidade e gênero, como essas representações constroem as compreensões que temos e a importância de se pensar a própria história de educação sexual para a atuação profissional nos meios de comunicação. O vínculo entre os participantes, as

contribuições trazidas por cada um, os olhares plurais vindos das diversas áreas e a condução das discussões baseadas na importância do questionamento, da reflexão crítica e da desconstrução de padrões foram fatores que propiciaram interessantes debates que puderam contribuir para a formação acadêmica e profissional dos envolvidos e para uma compreensão mais ampla e abrangente da sexualidade e gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chauí, M. (1984) *Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- Darde, V. W. S. (2009) O padrão normativo na notícia: uma reflexão sobre as representações das masculinidades no discurso jornalístico. *Galáxia* (PUCSP) , 18, 201-210.
- Fischer, R. M. B. (2008). Mídia, juventude e educação: modos de construir o outro na cultura. *Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives*, 16, 1-20.
- Kawara, H. O.; Nakaya, K. M. & Figueiró, M. N. (2010). Reeducação Sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. *Revista Linhas- Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina*. Florianópolis, 11(1), 85-111.
- Kehl, M. R. (2002). *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Louro, G. L. (1996). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis.
- Maia, A. C. B. (2010). Conceito amplo de sexualidade no processo de Educação sexual. *Psicopedagogia On Line*.
- Maia, A. C. B. & Maia, A. F. (2005). Repressão Sexual e Educação Sexual. In: Maia, A. C. B. & Maia, A. F. (Orgs.). *Sexualidade e infância. Cadernos CECEMCA*, no 1. Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF.
- Meyer, D. E. E. (2009). Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. 213-233. In: Junqueira, R. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. (Coleção Educação para todos). Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO.
- Rocha, P. (2007). *Jornalismo em primeira pessoa: a construção de sentidos das narradoras da revista TPM*. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Vivarta, V. (2003). *A mídia como consultório?* Brasília: Andi, Unicef, Ministério da Saúde.